



ENSINO DE GEOMORFOLOGIA E INSTAGRAM COMO FERRAMENTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

Gabriela De Godoi Bento ¹
Grace Bungenstab Alves ²

RESUMO

O Instagram tem sido cada vez mais utilizado para a divulgação científica, no qual podemos encontrar vários perfis dedicados aos conteúdos geográficos e até mesmo geomorfológicos, muitos destes utilizam uma linguagem voltada ao público jovem. Nosso objetivo foi analisar as potencialidades do uso do Instagram como ferramenta didático-pedagógica para o ensino de Geomorfologia voltada à compreensão da realidade dos alunos. Para tanto, discutimos o conteúdo de Geomorfologia ensinado nos anos finais do Ensino Fundamental II e os materiais didático-pedagógicos frequentemente utilizados para tratar dessa temática, além disso, buscamos termos associados à Geomorfologia no Instagram. Identificamos o predomínio do uso do livro didático (LD) como ferramenta pedagógica, tanto para dar aula, como fonte de conhecimento para os docentes. Desta forma, verificamos alguns problemas, tais como: a falta de uma abordagem local, que permita a compreensão realidade geomorfológica dos estudantes. Percebemos também que o Instagram pode ser uma ferramenta para aproximar os alunos das temáticas físico-naturais, visto que as redes sociais possibilitam novas leituras de mundo. A plataforma pode auxiliar na pesquisa, pois abriga conteúdos educativos e lúdicos sobre a Geomorfologia, servindo ainda como instrumento para criação, interação etc. Assim, acreditamos que é possível utilizar as redes sociais para diminuir o distanciamento entre o conhecimento de Geomorfologia e os estudantes, saindo da rotina exaustiva e distante que decorre da utilização excessiva do livro didático. Entendemos que a presença constante das redes sociais pode ser direcionada para melhorar o aprendizado dos conteúdos geomorfológicos.

Palavras-chave: ensino de geografia; relevo; práticas pedagógicas; materiais didáticos; redes sociais;

ABSTRACT

Our goal was to analyze the potential of using Instagram as a didactic-pedagogical tool for teaching Geomorphology. Therefore, we discuss the teaching of Geomorphology in Middle School and the didactic-pedagogical materials often used to address this issue. In addition, we searched for terms related to Geomorphology on Instagram. The textbook is used as a central pedagogical tool for teaching and as a teacher's knowledge source. In this way, we verified some problems, such as the lack of a local approach, which allows understanding the students' geomorphological reality. We also realized that Instagram could be a tool to bring students closer to physical-natural themes, as social networks enable new readings of the world. The platform can assist in research, as it houses educational and playful content about Geomorphology, also serving as an instrument for creation, interaction, etc. Thus, we believe it is possible to use social networks to reduce the gap between the Geomorphology knowledge and students.

¹ Professora de Geografia da Educação Básica e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), gabriela_godoib@hotmail.com;

² Doutora em Geografia Física pela Universidade de São Paulo. Docente no Departamento de Geografia – UFBA, alves.grace@ufba.br;



Keywords: teaching geography; relief; pedagogical practices; courseware; social networks.

1. INTRODUÇÃO

Ensinar as temáticas físico-naturais da Geografia é, sobretudo, dedicar-se a conhecer e fazer ser conhecido o lugar onde tecemos nossas relações, caminhamos diariamente e que por ele somos influenciados. Viver em nossos espaços exige também um conhecimento sobre a realidade social, mas também natural que nos inserimos. Muitas perguntas relacionadas ao cotidiano dos alunos podem agregar conteúdo geomorfológico. Por que nossa casa fica no topo de uma ladeira? Por que meu bairro alaga quando chove muito? É certo que essas perguntas já permearam a cabeça de qualquer ser humano, mas principalmente de crianças e jovens no auge de sua curiosidade.

O ensino das temáticas físico-naturais, incluindo a Geomorfologia, está previsto em um dos principais marcos reguladores do Ensino Fundamental, os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) instituídos em 1998 e que preveem que o ensino da natureza e das questões ambientais perpassem o ensino de Geografia no ambiente escolar e estejam relacionados com a sociedade, fazendo parte do conteúdo denominado de Geografia Física, principalmente nos anos finais do Ensino Fundamental. Assim, para os marcos legais que estruturam o ensino de Geografia, entender as questões naturais relacionadas ao social deixa de ser apenas uma curiosidade, mas é previsto legalmente, podendo promover um conhecimento sobre as dinâmicas do lugar em que os alunos vivem.

É comum observar, no entanto, que muitos professores possuem sérios desafios e dificuldades ao desenvolver as temáticas de Geografia Física na Educação Básica, visto que, muitas vezes, o ensino é realizado de forma dicotômica em relação a Geografia Humana, impossibilitando, dessa forma, um aprofundamento que é fundamental para entender as relações sociedade e natureza de maneira integrada (ARMOND e AFONSO, 2010), fato importante e que aproxima estas temáticas da realidade dos estudantes.

No que tange ao ensino de Geomorfologia, conforme propõe Suertegaray (2009), a Geomorfologia seria uma subárea da Geografia, possuindo todo um corpo teórico-referencial específico que busca explicar a gênese e a evolução do relevo. A Geomorfologia é ensinada na escola desde as séries iniciais (6º e 7º anos) – partindo do estudo de conceitos, fenômenos e processos – até chegar nos anos finais, quando o relevo de diferentes continentes passa a ser também um dos alvos de estudos dentro da Geografia Física.



No cotidiano escolar, Morais (2011) evidenciou que, dentro das temáticas de Geografia Física, o relevo (a Geomorfologia) foi o tema que os docentes reconheceram mais abordar em sala de aula, mesmo que essas temáticas de Geografia Física sejam consideradas por eles difíceis de serem ensinadas. Mas, por que os docentes consideram o ensino das temáticas de Geografia Física difíceis de serem ensinadas?

O ensino das temáticas físico-naturais parece ocorrer de maneira estanque, ou seja, pouco dinâmico, sem estar associado com a realidade dos alunos, o que compromete o ensino e aprendizagem. Tal fato decorre de um distanciamento dos professores em relação a essas temáticas, por causa do uso do livro didático (LD) de maneira restrita e acrítica na elaboração e realização das aulas (CAVALCANTI; 2010; AZEVEDO; LEAL; LEMOS, 2020), incluindo, nesse quesito, as discussões em sala de aula sobre o conteúdo de Geomorfologia. Além disso, pode haver um problema na formação inicial docente, já que muitos reconhecem que as temáticas de Geografia Física foram as que menos contribuíram para seu processo formativo e atuação docente, o que reforça a dificuldade em tratar os temas (ASCENÇÃO, 2009; MORAIS, 2011).

Esses fatos que destoam do propósito primordial do ensino de Geografia, conforme cita Morais (2011, p. 142), em que é importante valorizar o cotidiano do aluno e suas tantas referências sobre as temáticas físico-naturais, associadas a estrutura social e ao modo de produção excludente e segregador que intensifica ou cria novos processos de todas as ordens.

De tal modo, surgem os questionamentos: em meio à utilização excessiva e problemática do LD no ensino de Geografia Física e como as ferramentas digitais podem contribuir para o ensino de Geomorfologia no Ensino Fundamental II? Novos materiais didático-pedagógicos podem ser adotados para tratar dessa temática em sala de aula? Assim, nosso objetivo foi analisar as potencialidades do *Instagram* como uma ferramenta didático-pedagógica para o ensino de Geomorfologia nos anos finais do Ensino Fundamental II, podendo, assim, diminuir o distanciamento dos alunos quando expostos aos conteúdos associados às temáticas físico-naturais e, de forma mais específica, da Geomorfologia.

2. METODOLOGIA

Partimos de uma revisão sobre o ensino de Geomorfologia no ensino básico. Depois realizamos uma busca de conteúdo (posts) no *Instagram*, sobre o tema Geomorfologia. Para esta busca, ao entrar na plataforma e teclar ou clicar na aba explorar (ícone da lupa), antecedido por uma *hashtag* (#), temos as principais ou mais recentes publicações (posts) associadas a



temática buscada. Para a busca, utilizamos as palavras-chave “relevo” e “geomorfologia”. Depois fizemos uma leitura crítica das possibilidades que o *Instagram* pode oferecer como ferramenta didático-pedagógica, frente ao desafio de ensinar as temáticas físico-naturais no Ensino Fundamental II, embasadas no conhecimento geomorfológico fora do LD.

3. OS MATERIAIS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS UTILIZADOS NO ENSINO DE GEOMORFOLOGIA

O livro didático (LD), em todas as séries do Ensino Fundamental de escolas públicas e privadas, é a ferramenta mais utilizadas pelos docentes como um instrumento didático-pedagógico nas aulas de Geografia, como parâmetro na seleção de conteúdos e/ou para a metodologia escolhida (ASCENÇÃO, 2009; MORAIS, 2011; MENEGUZZO e MENEGUZZO, 2014). É também o LD, segundo Novais (2018), a principal fonte de conhecimento que os professores buscam para ensinar sobre o relevo.

Entretanto, muitos problemas podem surgir devido à utilização do LD para o ensino de Geomorfologia. Primeiro que, no geral, em muitos livros, a escala adotada é pequena em detalhes, o que privilegia as macroformas do relevo, limitando o reconhecimento da intensa e necessária relação da Geomorfologia com o cotidiano dos alunos (ASCENÇÃO, 2009). A falta de uma abordagem mais local pode prejudicar o ensino e a aprendizagem e até causar um “estranhamento” dos alunos com os assuntos da Geomorfologia, já que o que aprendem é pouco associado à suas realidades, forçando um processo de memorização de conteúdo, ao invés de um processo de construção do conhecimento. Isso impediria o que Novais (2018) aponta como primordial no ensino sobre o relevo, que seria uma aproximação desses conteúdos ao que o aluno observa na paisagem do seu dia a dia e por ela é afetado:

O estudo do relevo pode favorecer a compreensão das características locais, e a partir disso, contribuir para que os discentes possam entender que a dinâmica inerente a esse componente físico-natural faz parte do cotidiano deles, e com isso, seja possível pensar em ações e práticas ambientais que almejam a melhoria da qualidade de vida das pessoas envolvidas nesse contexto, que sejam adequadas a realidade em que estão inseridos (NOVAIS, 2018, p. 65).

Em segundo lugar, é possível citar a pouca diversidade de materiais didático-pedagógicos para a construção de aulas. Como citado acima, o LD continua sendo o principal material adotado pelos professores, muitas vezes o único (MORAIS, 2011), por ora possuindo uma assimilação acrítica, com uma grande fragmentação temática entre conteúdos Geografia



Física e uma separação da relação sociedade e natureza. Esse fato contribui para que os estudantes não apropriem de forma plena as temáticas sobre rochas, relevo e solo. Segundo a autora, maquetes, instrumentos cartográficos (como mapas), ilustrações e vídeos são bem menos utilizados do que o LD.

Em relação à essa fragmentação temática há a necessidade de pensar as temáticas físico-naturais de uma forma integrada com as questões sociais, ou seja, uma Geografia de fato como ela é, Geografia Física e Geografia Humana tratadas de forma uníssona, mesmo no contexto escolar. Santiago (2021) aponta que essa integração é fundamental para superar uma visão fragmentada e conservadora do Ensino de Geografia. Ademais, a autora demonstra como a Geografia Física Crítica propõe uma visão integrada da Geografia Humana e da Geografia Física e que a apropriação desta pode favorecer a reflexão conjunta dos aspectos físicos e humanos, relacionando-os com a realidade social e com a produção espacial feita.

Surge, assim, a necessidade da adoção de outros materiais que possibilitem e ampliem os horizontes do ensino, alavancando os processos didático-pedagógicos e aproximando o ensino da Geomorfologia da realidade dos alunos. Fato esse já apontado por Novais (2018):

Os argumentos apresentados pelo professor reforçam a necessidade de adaptações nos materiais didático-pedagógicos, além da busca por alternativas para além dos livros didáticos, possibilidades essas que podem apresentar proposições e/ou debates acerca de questões que dialoguem melhor com o contexto de inserção da escola. (NOVAIS, 2018, p.71).

Louzada e Filho (2017) apresentam diferentes metodologias para o ensino e aprendizagem de conteúdos da Geografia Física, como por exemplo terrários, trabalho de campo, mapas mentais e estudo do meio. Aqui, o estudo do meio, que segundo eles possuiriam o objetivo de correlacionar os conteúdos com as reflexões do meio que os estudantes vivenciam, facilitaria a compreensão entre as escalas, como ocorre em atividades que, por exemplo, utilizam reportagens de jornais locais. O uso do *Instagram* para o ensino de Geomorfologia se encaixaria numa metodologia de ensino baseada no estudo do meio e teria o objetivo de incentivar e despertar o interesse dos alunos, o que corroboraria para o que até então tem sido defendido, que é uma aproximação das temáticas geomorfológicas com a realidade vivenciada pelos estudantes. Assim, mediante uma plataforma que, cada vez mais, tem feito parte do cotidiano dos alunos, seria possível aproximar o ensino de Geomorfologia à uma escala que trata o meio vivido.

Partindo dos pressupostos anteriormente discutidos, uma nova ferramenta e possível material didático-pedagógico será aqui citado e refletido. O objetivo primordial é apresentar



algumas tentativas de diminuir o distanciamento dos alunos quando expostos aos conteúdos associados às temáticas físico-naturais e, de forma mais específica, a Geomorfologia.

4. O USO DO INSTAGRAM PARA O ENSINO DE GEOMORFOLOGIA

As redes sociais e as TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) têm se tornado cada vez mais presentes na vida de professores e alunos, sendo bem apropriado o conceito de ciberespaço de Santaella (2003), devido ao nosso cotidiano estar repleto de cultura digital que possibilita uma comunicação intensificada. A Geografia e o ensino não ficam distantes disso, e é possível perceber que a utilização das TIC pode ajudar a promover um ensino condizente com a nova realidade social, de imersão, cada vez maior, na cibercultura (LEMOS, 2009).

Para Alves, Mota e Tavares (2018), o *Instagram* funciona como um difusor de encontros colaborativos em rede e, sendo uma rede social online, é focada na comunicação e na autoria visual, um fruto claro do conceito de ciberespaço. Aqui seria possível aprofundar a interatividade fundindo a ideia de leitor e emissor.

Handayani (2016) vai também salientar como as redes sociais são familiares aos estudantes e que se usadas voltadas para o ensino, podem promover o pensamento crítico. No ensino de linguagens, esse autor defende que podem ser feitas atividades que otimizem a aprendizagem, com trocas de opiniões e pontos de vista, tornando o ensino único e perspicaz, tudo através do *Instagram*. Os estudantes podem gerar ideias com conteúdo relevante, voltados para uma aprendizagem significativa.

Dessa forma, ao analisarmos a utilização do *Instagram* para fins pedagógicos, é importante citar as possibilidades que essa ferramenta pode proporcionar, visto que é notório que as redes sociais, de maneira geral, podem ampliar o sentido e a forma de apreensão do espaço, produzindo novas visões e leituras de mundo. Em contato com diferentes realidades, por meio das fotografias, de novas paisagens e de formas lúdicas no aprendizado, os discentes expostos às redes sociais podem experimentar, e mediados pelos docentes, transformar, de forma mais específica, o *Instagram*, em uma importante ferramenta de ensino e aprendizagem, como aponta Andrade (2019):

Consideramos que o uso das redes sociais propicia, através da utilização das câmeras dos smartphones, uma revisitação às categorias geográficas, replicando o ser/estar no mundo nos espaços que pertencemos a partir do convívio com as novas tecnologias e as conexões entre seus usuários. O educador, como parte imprescindível nas novas mediações, abre mão do controle vertical dos processos educativos proporcionando



um encontro afetivo e efetivo onde ambos interagem conectados à uma rede de saberes coletivos e mediatizados. (ANDRADE, 2019, p. 22)

Para o ensino de Geografia Física, o *Instagram* pode ser uma excelente proposta de ensino e aprendizagem, visto que muitos usuários jovens utilizam essa ferramenta e isso se encaixaria na necessidade de educar a nova geração, utilizando recursos educacionais em plataformas dinâmicas e ágeis. O uso dessa ferramenta pode desenvolver práticas pedagógicas e educativas numa perspectiva crítica e reflexiva, promovendo o engajamento dos estudantes, já que o dinamismo e agilidade na transmissão do conhecimento e informações é a marca das redes sociais (ALVES; MOTA; TAVARES, 2018).

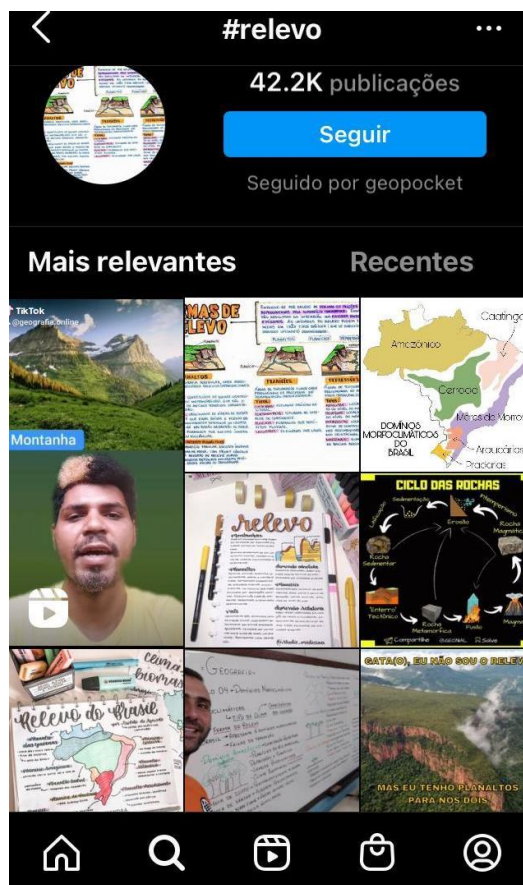
Assim sendo, seguimos a barra de pesquisa da plataforma para entender como a Geomorfologia é tratada no *Instagram*. Ao pesquisar sobre “#geomorfologia” (figura 1) é possível localizar quase 28 mil publicações, quase todas em português, voltadas para esse tema. Nos chamou a atenção a quantidade de posts com fins educativos, ou seja, que elucidam, exemplificam ou citam conceitos, fenômenos e processos associados a Geomorfologia, rochas ou solo, de forma lúdica e criativa. No que diz respeito ao termo “#relevo” pesquisado, aparecem ainda mais posts, aproximadamente 42 mil, no mesmo formato descrito na “#geomorfologia”, figura 2.

Figura 1: O termo #geomorfologia no Instagram



Fonte: Interface do Instagram.

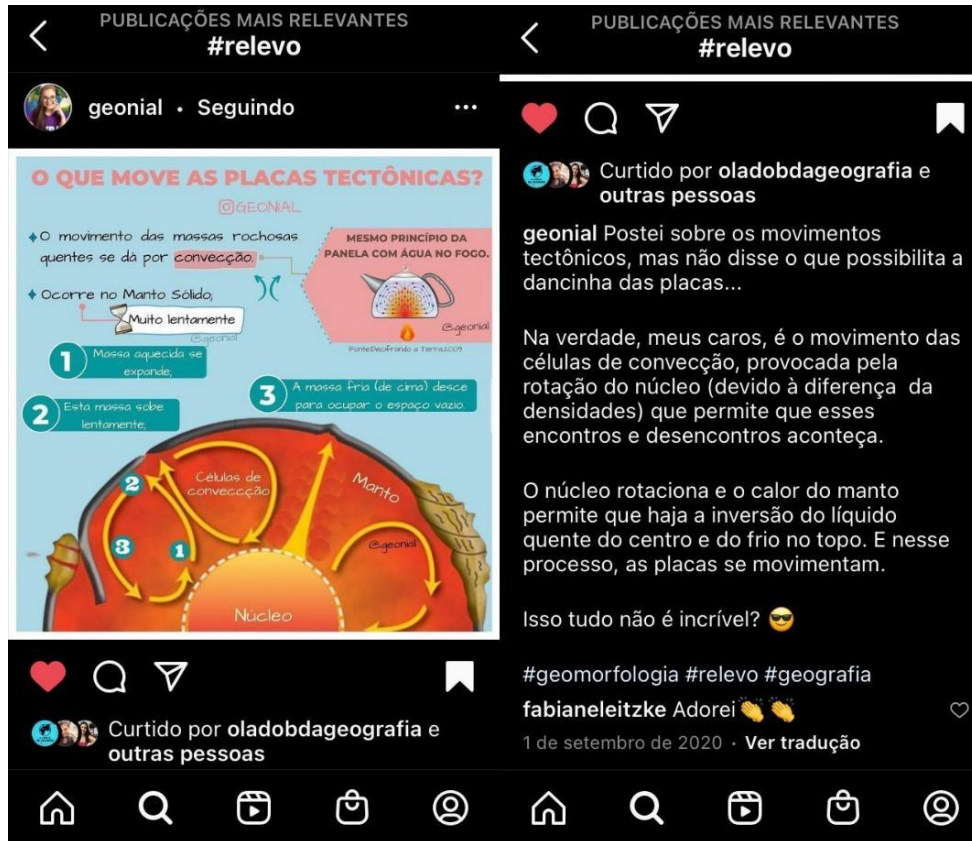
Figura 2: O termo #relevo no *Instagram*.



Fonte: Interface do *Instagram*.

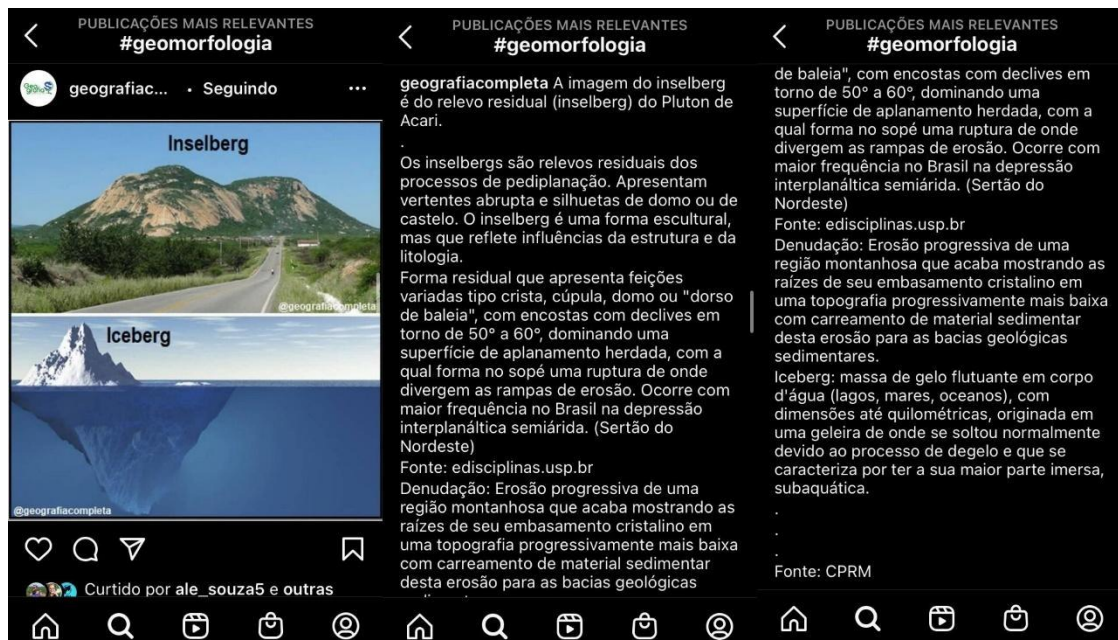
Esses *posts*, no geral, possuem imagens ilustrativas de paisagens ou fenômenos e muitas vezes estão associados a descrições ou legendas que explicam o conteúdo imagético abordado, trazendo conceitos e referências sobre o assunto, como pode ser observado nas figuras 3 e 4. É importante salientar que como as publicações acontecem o tempo todo, o número de *posts* sobre os conteúdos associados a uma *hashtag* estarão sempre crescendo, ou seja, novos conteúdos estão sempre sendo produzidos, o que aumenta a dinamicidade da pesquisa e a probabilidade de encontrar novas fontes e conteúdos didáticos.

Figura 3: Conteúdo lúdico sobre movimentos de placas tectônicas.



Fonte: Interface do *Instagram*, perfil @geonial.

Figura 4: Post sobre *inselbergs* e sua formação.



Fonte: Interface do *Instagram*, perfil @geografiacompleta.

Muitos são os exemplos de publicações como essas, carregadas de materiais muito interessantes, lúdicos e curiosos (figura 5). Alguns trazem referências importantes como a CPRM (Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais), figura 4.

Assim, a utilização do *Instagram* e de seus conteúdos pode propiciar um processo de ensino e aprendizagem satisfatório. A ferramenta pode servir como:

- A. Plataforma de pesquisa: os professores podem sugerir que os alunos encontrem publicações com exemplos sobre as temáticas geomorfológicas abordadas em sala de aula, explorem novos conceitos, revejam conceitos aprendidos em aulas ou tratados nos posts. O tema erosão, por exemplo, é exemplificado de forma divertida nos posts da figura 5.

Figura 5: Posts sobre o processo de erosão.



Fonte: Interface do *Instagram*, perfis @geography.planet e @geografiamemes.

- B. Plataforma de interação entre estudantes, troca opiniões (HANDAYANI, 2016), coautoria e criação de materiais, caso as publicações sejam criadas para serem compartilhadas, incentivando a produção de novos materiais, que podem ter um alcance muito grande. A ferramenta possibilita ainda o diálogo com estudantes de outros ambientes e escolas, o que pode ser, também, muito benéfico, se mediatizado pelos docentes.



- C. Ambiente para registros de feições e/ou processos geomorfológicos. Neste, os estudantes podem registrar, em seu bairro e cidade, formas e processos avistados e compartilhar com os demais colegas (em um possível perfil compartilhado, administrado pelos professores, dentre outras opções), tudo de forma digital, localizando e descrevendo fatos que foram identificados graças aos seus aprendizados sobre a temática.
- D. Ambiente para visualização de vídeos. Alguns posts (chamados *reels*) são de vídeos curtos, com músicas e animações, e muitos deles ensinam de forma criativa algumas temáticas geomorfológicas. Passados e problematizados em sala de aula, podem promover maior interação com o conteúdo e com a realidade do aluno.

Ademais, o *Instagram* possui duas principais e diferentes formas de acesso: pelos celulares *smarthphones* e pelo próprio site do aplicativo, nas abas de navegadores. Isso possibilita o acesso através de diferentes ferramentas. A maioria dos perfis que se propõem a criar conteúdo com fins educativos ou lúdicos são abertos, sendo acessados sem, necessariamente, o usuário possuir um vínculo direto (seguir) com o perfil. Por fim, é preciso que, para um ensino e aprendizagem efetivo, todo o processo de utilização do *Instagram*, para fins didáticos, seja mediado e orientado pelo docente. Cabe também citar que, segundo os termos de uso do aplicativo, os usuários precisam ter 13 anos de idade, por isso é importante que docentes promovam atividades com os estudantes que estejam em uma faixa etária igual ou superior à esta.

Os docentes ao utilizarem novos materiais didáticos pedagógicos, como é o caso das redes sociais, necessitam do que Schulman (2005) chama de raciocínio pedagógico, em que todo e qualquer processo de ensino o professor precisa compreender (o conteúdo ou a utilização do *Instagram*, por exemplo); transformar o conteúdo (podemos considerar também como uma adaptação ao contexto, série, necessidade etc.); instruir; avaliar; e, claro, refletir sobre o processo.

O que propomos aqui não é uma utilização acrítica dessa ferramenta, mas é a transformação de uma ferramenta que, dentre outros fatores, serve ao capitalismo e suas hegemonias, num lugar de apropriação do conhecimento e, claro, de produção de contra hegemonias. Por isso Moraes (2013) destaca a importância de se pensar as temáticas físico-naturais associadas às questões sociais e, claro, à realidade do aluno (e é inegável que as redes sociais, cada dia mais, dominam a realidade dos nossos alunos), porque isso cumpriria o papel da Geografia na escola: de formar cidadãos críticos e conscientes do lugar que vivem.



É preciso, por fim, refletir sobre duas adversidades associadas à utilização dessa plataforma. A primeira está associada a mediação dos professores ao processo de utilização da ferramenta-didático pedagógica aqui proposta. O que ocorre é que, no geral, os docentes possuem altas cargas de trabalho, para compor salários um pouco melhores, o que dificultaria essa orientação dos alunos durante a utilização do Instagram e diminuiria o tempo disponível desses docentes para a reflexão e reconstrução dos processos de ensino e aprendizagem que tentarem realizar com esse recurso didático. Por isso, o controle e crítica sobre a fidedignidade das informações que são acessadas pode ser um desafio, sem a mediação docente, principalmente quando se trata de conteúdos distribuídos por meio de redes sociais.

Outra adversidade está na disponibilidade dos recursos necessários para a utilização da plataforma, como por exemplo internet, aparelhos celulares e computadores que poucas escolas detém. A realidade de parte da escola pública e de seus estudantes e da não inclusão digital precisa ser evidenciada (BONILLA, 2010). O acesso à internet e a aparelhos celulares não se faz de maneira igual em todo o território brasileiro, o que pode ser um problema para a utilização do *Instagram*.

Esses fatos nos atentam para uma grande necessidade de superação dos insistentes problemas brasileiros, no que tange à educação: investimento na estrutura das escolas e em material didático e melhor remuneração docente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, ainda que seja importante o uso de diferentes materiais didáticos, isso não substitui as aulas teóricas, já que os conceitos e teorias precisam ser conhecidos pelos alunos, mas eles servem como uma ferramenta de apoio na construção de atividades e práticas que estimulem a participação e criação dos estudantes. Inclusive, é perfeitamente possível que as aulas teóricas sejam construídas através desse aplicativo e um casamento entre as aulas teóricas e novas ferramentas didáticas-pedagógicas podem ser muitos férteis para alavancar os processos de ensino e aprendizagem.

Enfim, é evidente que, atualmente, é mais do que necessário que haja um diálogo efetivo entre o mundo contemporâneo, as redes sociais, e a escola. Temáticas, muitas das vezes, abstratas (como a própria Geomorfologia) podem ser mais facilmente apropriadas pelos estudantes quando apresentadas de forma lúdica com ferramentas digitais.

Aproximar os alunos, utilizando ferramentas acessíveis, populares e atuais, das temáticas físico-naturais pode ser um avanço para diminuir a dicotomia entre Geografia Física e



Geografia Humana e, além disso, possibilitar um tratamento dessas temáticas de acordo com a realidade vivida, cotidianamente, pelos estudantes.

REFERÊNCIAS

ALVES, André Luiz. MOTA, Marlton Fontes. TAVARES, Thiago Passos. O INSTAGRAM NO PROCESSO DE ENGAJAMENTO DAS PRÁTICAS

EDUCACIONAIS: A dinâmica para a socialização do ensino-aprendizagem. **Revista Científica da FASETE**, p. 25 - 43, Paulo Afonso, 2018.

ANDRADE, Juliana Oliveira. **Nas redes do instagram:** as possibilidades da imagética afetiva como recurso pedagógico nas aulas de geografia. 2019. 59 f. Monografia – Licenciatura em Geografia - Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2019.

ARMOND, N. B.; AFONSO, A. E. Da Geografia Física à Geografia (sócio) Ambiental e seu "retorno" à Geografia: breves reflexões sobre mutações epistemológicas e o campo científico. *In: XVI ENG - Encontro Nacional de Geógrafos*, 2010, Porto Alegre. Anais do XVI Encontro Nacional de Geógrafos. Porto Alegre: AGB Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://www.cedipe.uerj.br/pdf/reflexoes-anice.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2020.

ASCENÇÃO, Valéria de Oliveira Roque. **Os conhecimentos docentes e a abordagem do relevo e suas dinâmicas nos anos finais do ensino fundamental**. 2009. 150 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

AZEVEDO, Sandra de Castro de; LEAL, Letícia; LEMOS, Thaís de Cássia da Silva. A formação inicial e as dificuldades do ensino de Geografia Física na Educação Básica. **Anais do IV Colóquio de pesquisadores em Geografia Física e ensino de Geografia**. v. 3, p. 187 – 194, 2020.

BATISTA, Natália Lampert; RIZATTI, Maurício; BECKER, Elsbeth Léia Spode; CASSOL, Roberto. Os textos visuais no ensino de Geografia: uma análise ideacional dos infográficos do livro didático “Expedições Geográficas”. **Disciplinarum Scientia**, Santa Maria, v. 18, n. 1, p. 283-293, 2017.

BONILLA, Maria Helena. Políticas públicas para inclusão digital nas escolas. **Revista Motrivivência**. Ano XXII, n 34, p. 40-60, 2010.

CAVALCANTI, Lana de Souza. A geografia e a realidade escolar contemporânea: Avanços, caminhos, alternativas. **Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais**. Belo Horizonte, novembro de 2010, p.1-16.

CÉSAR, Paulo. [Sem título]. 05 maio 2021. Instagram: @geografiacompleta. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/COfsPKJnefU/>. Acesso em 18 set. 2021.

GEOGRAPHY.PLANET. [Sem título]. 12 fev. 2021. Instagram: @geography.planet. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CLNRRp4A1rx/>. Acesso em 18 set. 2021



GEOGRAFIA MEMES. [Sem título]. 01 maio 2021. Instagram: @geografiamemes. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/COWImLiHTSI/>. Acesso em 18 set. 2021.

HANDAYANI, F. instagram as a teaching tool? Really?. **Proceedings of the Fourth International Seminar on English Language and Teaching (ISELT-4)**. Atlantic Press, p. 320-327, 2016.

LEMOS, André. Cibercultura como território recombinate. In: TRIVINHO, Eugênio; CAZELOTO, Edilson (org.). **A cibercultura e seu espelho: campo de conhecimento emergente e nova vivência humana na era da imersão interativa**. São Paulo: ABCiber, 2009, p.38-46.

LOUZADA, Camila de Oliveira. FILHO, Armando Brito da Frota. METODOLOGIAS PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA FÍSICA. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 8, n. 14, p. 75-84, 2017.

MELO, Professora Ingrid. **O que move as placas tectônicas**. 01 set. 2020. Instagram: @geonial. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CEnCEF9Hm6R/>. Acesso em 18 set. 2021.

MENEGUZZO, Isonel Sandino; MENEGUZZO, Paula Meirele. O relevo terrestre nos livros didáticos de geografia do 6º ano do ensino fundamental. **Revista Didática Sistêmica**. v. 16, n. 1, p. 21-31, 2014.

MORAIS, Eliana Marta Barbosa De. **O ensino das temáticas físico-naturais na geografia escolar**. 2011. 310 f. Tese de Doutorado (Doutorado em Geografia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

MORAIS, Eliana Marta Barbosa De. As temáticas físico-naturais como conteúdo no ensino de geografia escolar. In: CAVALCANTI, Lana de Souza (org.). **Temas da geografia na Escola Básica**. 1ª edição. Papyrus, 2013.

NOVAIS, Gean Santos De. **O ensino do relevo na Geografia Escolar: contribuições para a abordagem das microformas**. 2018. 182 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e Artes do Pós-Humano: da cultura das mídias à cibercultura**. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTIAGO, Izis Thelma Araújo. **A geografia Física Crítica como estratégia pedagógica para a inclusão escolar**. 2021. 148 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

SCHULMAN, Lee S. Conocimiento y enseñanza: Fundamentos de la nueva reforma. **Revista de Currículum y Formación del Profesorado**. v. 9, p. 1 – 30, 2005.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Geografia física e geomorfologia: tema para debate. **Revista da ANPEGE**. v. 5, p. 17 – 26, 2009.